



## MENINOS E MENINAS: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE CRIANÇAS NA ESCOLA ANA NERY

<sup>1</sup> Lorena Sales de Almeida / Orientadora Prof. Dra. <sup>1</sup>Ângela Figueiredo

[Lore.sales@hotmail.com](mailto:Lore.sales@hotmail.com)

### Resumo

No presente trabalho procurou-se entender de que forma as crianças constroem diferenças comportamentais relativas ao gênero analisando tais diferenças no ambiente escolar, com o objetivo de investigar como é aprendido o discurso de diferenciação, quais as diferenças do feminino e masculino entre as crianças, as diferenças de gênero nos espaços lúdicos (brincadeiras), nas expressões verbais e corporais, nas relações de proximidades (grupos). A pesquisa foi realizada entre crianças de 07 à 11 anos na Escola Ana Nery em Cachoeira, Bahia. A pesquisa qualitativa utilizou entrevistas semi-estruturadas, filmagens, observação participante. Em anexo a este trabalho foi produzido um vídeo etnográfico intitulado *Meninos e Meninas* com cenas de momentos da pesquisa. Os resultados indicam que a educação para igualdade de gênero ainda está longe de ser a idealizada, enquanto meninos e meninas tiverem lugares tão definidos no mundo as barreiras do preconceito e desigualdade de gênero não serão superadas.

**Palavras-chave:** Gênero na escola, meninos e meninas, Pesquisa qualitativa.

---

<sup>1</sup>Lorena Sales de Almeida é graduanda em Ciências Sociais pela UFRB.

<sup>2</sup>Ângela Figueiredo é Pós-doutora em Antropologia Social e Professora da UFRB.

As diferenças de gênero entre crianças, a construção dos papéis diferenciados de meninos e meninas muitas vezes é justificada pela biologia. Mas é preciso desnaturalizar certas diferenças comportamentais, geradas pela socialização, pela coerção social. Gênero é uma categoria social e sexo é biológico, sendo assim o atual trabalho mostrará possíveis diferenças de gênero entre crianças no meio escolar através do método qualitativo. A pesquisa qualitativa tem grande importância dentro do campo das ciências sociais, pesquisar as



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



relações sociais é lidar com a subjetividade dos seres humanos, o que torna-se ponto chave em uma pesquisa qualitativa. A pesquisa procurou analisar as diferentes formas de se vestir de meninos e meninas; investigar se há distinções de gênero nas brincadeiras infantis; analisar a influência dos modelos de gênero nas expressões verbais e corporais; verificar como se estabelecem as relações de proximidade entre as crianças e também constará do registro audiovisual em algumas visitas.

Nos processos de socialização e formação da identidade das crianças, constroem-se diferenças nos comportamentos: Expressões verbais, corporais, relações de proximidade, maneiras de se vestir, brincadeiras por sexo e criam-se os estereótipos. O termo gênero é uma representação da relação de pertencimento a um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação social dicotômica condicionada pela cultura. Esse estudo é relevante, pois pretende clarificar as noções de gênero internalizadas por crianças e contribuir para a desconstrução dos modelos pré-estabelecidos que geram a dominação de um gênero sobre outro e a exclusão daqueles que não seguem o padrão recorrente.

É importante ressaltar a contribuição de Carvalho (1999) que o conceito de gênero (cultura) soma-se ao de sexo (natureza) e não o substitui. A natureza é uma base sobre a qual significados culturais foram construídos. Gênero é associado, assim, a traços de caráter e a comportamentos, e sexo a corpo e a biologia. Nesse processo dualista de construção de papéis masculinos e femininos surgem os preconceitos aos que fogem do padrão estabelecido. Esses modelos de meninos e meninas são resultado de uma coerção social por parte da Educação da escola, da família e do meio social em que vivem.

Segundo Brougère:

“Os estereótipos provêm dos pais e das pessoas que cercam a criança. Os pais constroem o primeiro ambiente de brinquedos da criança, antes que ela comece a fazer suas escolhas. No nascimento, o quarto das meninas é rosa, com bonecas, e o dos meninos é azul, com carros em miniatura. As meninas costumam brincar de “casinha” e representam o papel da mãe; os meninos, de “motorista”, que dirige o carro. É o contexto em que a criança vive, especialmente o meio familiar, que dirige inicialmente tais escolhas”. Brougère (2004)

As crianças aprendem antes mesmo de frequentarem a escola maneiras de como se tornar meninos e meninas. As meninas falam com mais delicadeza, os meninos são mais agressivos, as meninas brincam com as amigas de casinha enquanto os meninos dirigem seus carros de brinquedo. São nas pequenas tarefas do cotidiano da criança que elas começam a internalizar os homens e as mulheres do futuro.



“Mudar práticas não é uma meta fácil de ser alcançada, mas que a política de educação para o gênero só elimina o dualismo masculino/feminino com a construção de um mundo não generificado. Começar a desconstrução, oferecendo um irrestrito acesso aos brinquedos e brincadeiras, faz parte desse processo.” Jordan (1995, p. 86)

Em vários aspectos da vida social meninos e meninas demonstram diferenças guiadas por gênero, sejam elas para reforçar ou transgredir aos padrões generificados. Maccoby (1990, apud Sager; Sperb, 1998) revela que as meninas estão mais voltadas para o entendimento e a cooperação, enquanto os meninos dirigem seus comportamentos para fins individuais, procurando realizá-los, sem considerar o interesse do outro. A escola representa um local onde essas diferenças são atenuadas e percebidas com mais facilidade, por ser um local onde a criança está em contato com outras crianças e formando seus valores “de gente grande”, pode-se perceber as representação que elas têm do feminino e masculino, o ser menino, ser “bicha”, ser “mulher-macho”, ser “menininha” são denominação frequentes neste espaço para designar sujeitos com relação ao gênero.

## O Campo

O estudo foi feito a partir de duas visitas semanais num período de dois meses a uma escola de ensino básico, Escola Ana Nery, na cidade de Cachoeira. No início das visitas o que foi sentido foi uma certa hostilidade por parte das crianças e professores, mas no decorrer da pesquisa a nossa presença foi se tornando algo natural e cada vez mais acentuamos nossa relação com escola, aos poucos criamos um vínculo com a instituição. Nas primeiras visitas tanto eu, quanto eles ainda não estavam acostumados a compartilhar seus momentos com uma estranha, mas a magia do campo foi se tornando cada dia mais intensa e até eles estavam gostando de fazer parte da pesquisa. As crianças sempre muito sinceras me deixava constrangida muitas das vezes com perguntas que as vezes nos fazem refletir sobre o próprio trabalho, como: “Você não já sabe a resposta?” “Você não está vendo?” “Porque você não faz isso?”

Também em anexo a este artigo foi realizado um vídeo etnográfico intitulado *Meninos e Meninas* com cenas de depoimentos das crianças e brincadeiras. A câmera foi um instrumento bastante utilizado na pesquisa, quase como um segundo olho observador da realidade. Com poucos recursos técnicos o vídeo é de caráter experimental, porém revela



pontos cruciais para a pesquisa. A experiência foi muito relevante para o aprendizado dos métodos qualitativos em campo, as tentativas de interação com a crianças, o saber lidar com o objeto em campo, fatos que não estavam nos planos da pesquisa, e a cada visita uma nova descoberta sobre o tema estudado, as diferenças de gêneros eram percebidas mais rapidamente e fenômenos que até o momento não tinha presenciado eram uma novidade. Conversávamos com os professores e as crianças de forma mais descontraída e criamos, principalmente com as crianças, um vínculo afetivo. Como já dizia Roberto Da'Mata o Anthropological blues foi aflorado, mas não esqueci em momento algum o meu papel de pesquisadora naquela escola.

## **Brincadeiras**

Esse processo dicotômico de construção de papéis femininos e masculinos na sociedade, é refletido nas brincadeiras. Há distinção no brincar de meninos e meninas, a diferença é vista inicialmente nos brinquedos (o material que dá suporte à brincadeira) e a partir deles as escolhas de brincadeiras por identidade de gênero. As meninas gostam de rosa e brincam de boneca enquanto os meninos gostam de azul e jogam futebol.

O que se constatou em campo foi a escolha de brincadeiras como boneca, casinha, pula-corda e amarelinha por parte das meninas e futebol, luta, carrinho e capoeira foram as preferidas dos meninos. Quando os meninos eram questionados sobre a escolha das brincadeiras uns diziam “é brincadeira de homem” e citavam as brincadeiras de escolha das meninas como “brincadeira de menina”, “coisa de bicha” alguns já demonstravam homofobia com expressões como “ eu não sou travesti”. As meninas diziam que não gostavam das brincadeiras dos meninos pois eram muito agressivas e formavam grupos de meninas com exclusão dos indivíduos masculinos , que ao aproximarem-se não eram aceitos. Muitas crianças ainda, disseram que gostavam de esconde-esconde e pega-pega, essas brincadeiras foram identificadas como aceitas por ambos os sexos.

No momento de recreação os meninos utilizavam brincadeiras um tanto agressivas e eram hiperativos, corriam por toda a área da escola, brincavam de luta e acabavam brigando entre si. Enquanto isso as meninas em seus grupos preferiam conversar e brincar sentadas. Em conversas sobre o cotidiano das crianças as meninas disseram que ajudavam a mãe nos afazeres domésticos e depois brincavam ou assistiam barbie, xuxa ou bob esponja. Os meninos ajudavam os pais a carregar sacolas de compras, e assistiam pica – pau, Power Rangers, bob esponja.



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Em uma das nossas idas ao campo, levamos as crianças para uma exposição de brinquedos com área de interação no auditório do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB. A diferenciação entre as brincadeiras de meninos e meninas era persistente, mas observamos alguns momentos de quebra dessa divisão. Um dos meninos brincava de boneca sozinho e quando viu que estava sendo observado deixou a boneca de lado, ele foi interrogado se estava gostando de brincar com a boneca, a criança logo respondeu “ eu não, é coisa de mulher...minha avó que disse...” .

Outro menino também brincava de arrumar a casa e quando percebeu que estava sendo observado parou de brincar imediatamente. Uma menina jogava futebol com os meninos, mas eles a excluíam das partidas e eram indiferentes quanto a sua presença. Geralmente quando havia uma interação de meninos no espaço de brincadeiras das meninas os colegas o chamavam de “bicha” ou “mulherzinha” e quando o contrário ocorria as meninas eram chamadas de “mulher-macho”. Em conversas com as crianças, os meninos demonstravam uma maior dificuldade de aceitar a participação masculina nas brincadeiras ditas de meninas e ambos os sexos demonstraram interesse em uma maior interação lúdica com o sexo oposto, mas a tentativa era impedida principalmente por parte dos familiares.

## **Roupas**

Foi possível constatar que assim como no comportamento, na maneira de se vestirem também é possível perceber distinção entre gêneros. As meninas costumam ir às aulas bem mais “enfeitadas”, com roupas e adereços em tons de rosa, e outras cores tidas como femininas (vermelho, roxo, lilás). Os sapatos das meninas com lacinhos, borboletas, entre outras coisas que dão mais ênfase ao pertencimento ao gênero feminino. Os meninos demonstram maior interesse nas objetos de heróis dos desenhos, nos carros, nas lutas, usam mais roupas em tons de verde e azul. Os sapatos dos meninos apresentam as mesmas características, quando não usavam sandálias comuns, estavam com sapatos de heróis, de desenhos, de luta, de carros. Em uma das idas ao campo foi possível perceber na fala das crianças a barreira que existe entre os gêneros. Quando perguntado por que não usar uma roupa rosa, um dos garotos rapidamente respondeu: “- Eu não, rosa é coisa de menininha!” As meninas já desde pequenas demonstram a preferência por roupas em tons de rosa e roxo e desfilam com seus penteados nos cabelos. Algumas mostraram suas unhas pintadas de rosa e os brincos coloridos. Os meninos ao verem esta cena logo demonstraram repúdio e



começaram a rir das meninas, fazendo imitações de vozes mais agudas. Os meninos usavam sapatos escuros, bermudas folgadas e bonés. As representações através das roupas parecia a mais difícil de modificar, as crianças (e também os adultos) já naturalizam que mulher usa vestido e homem calça, seguindo a regra social de não se vestir um filho com roupas de menina.

## **Grupos**

Nas atividades em grupo as crianças também procuram separar meninos e meninas. Assim como nas brincadeiras e nas roupas, na formação dos grupos eles procuram definir que menino tem que estar junto aos outros meninos, e meninas tem que estar junto as outras meninas. Caso algum menino fique no grupo das meninas, ele é logo tachado como uma “menininha”, uma “bichinha” como os mesmos denominaram. Quando perguntados sobre seus amigos(as) os meninos citaram nomes de colegas e primos quase sempre do sexo masculino e as meninas também demonstraram um círculo de proximidade com crianças do mesmo sexo. Eles explicaram que sentiam vontade de brincar com crianças do sexo oposto, mas seus pais e parentes os impediam de brincar juntos. Uma delas falou: “Meu pai não deixa eu brincar muito na rua aí eu fico brincando na varanda e os meus primos ficam jogando bola lá na rua. Meu pai diz que eu não posso brincar com menino, que é homem com homem e mulher com mulher.”

Em um dos últimos dias de campo, foi possível observar no horário de recreação das crianças, uma roda de capoeira. Nela apenas os meninos entravam, cantavam e “lutavam”, as meninas permaneciam sentadas apenas observando. Analisando este fato, é possível perceber que já está internalizado no comportamento das crianças, nas atividades exercidas por elas, que meninas e meninos não podem fazer as mesmas coisas, não podem pertencer aos mesmos grupos.

## **Expressões Verbais e Corporais**

O comportamento entre meninos e meninas é diferente como afirmam Sager e Sperb (1998): As meninas em situações de desentendimento utilizam mais argumentação do que os meninos, enquanto para os meninos, o uso de ameaças e força é o comportamento mais frequente. Os meninos comportam-se de forma despojada, sentam-se de qualquer



maneira, fazem muito barulho, falam alto, prestam pouca atenção à aula, e alguns tem expressões agressivas. Entram em conflito constantemente uns com os outros, e não se importam com as meninas. As meninas por sua vez são mais tranquilas, brincam entre si, falam mais baixo que os meninos, procuram sentar-se de maneira adequada, de pernas cruzadas, e estão sempre atentas à aula.

Percebe-se uma nítida divisão dos grupos, havendo no discurso dos meninos o preconceito em brincar com meninas, e em relação às brincadeiras “consideradas” de meninas. O discurso das meninas por sua vez, é marcado por a versão às brincadeiras dos meninos, porém percebe-se que tais brincadeiras são vistas de maneira menos preconceituosa.

Esses modelos de meninos e meninas que se constituem enquanto processo dualista são resultado de uma coerção social por parte da Educação da escola, da família, e do meio social em que vivem.

## **Conclusão**

Constatou-se em campo que além de existirem diferenças biológicas, existem diferenças culturalmente construída entre gêneros. É possível perceber que a partir da socialização, das regras estabelecidas e internalizadas desde a infância, o indivíduo passa a se notar e se comportar diferente daquele que tem sexo oposto.

Assim como o uso do termo gênero é tido como um processo que procura explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, foi possível notar que as crianças aprendem e passam essa idéia de pertencer a um gênero e criticam os que fogem deste padrão. Um exemplo disso é o garoto que usar rosa é criticado, é chamado de “menininha”. E a menina que não apresente um comportamento disciplinado, que não seja delicada, que não goste de rosa são tidas como “mulher-macho”.

A identidade de gênero tem o papel de fazer à criança se sentir pertencente ao gênero feminino ou masculino, com base nas relações culturais e sociais que são estabelecidas desde o seu nascimento. Dentre todas as nossas observações também foi possível perceber que o papel do adulto, como os pais, familiares e professoras, é de significativa importância para a transmissão de atitudes sexistas, pois demonstram expectativas que ajudam na construção da imagem do que é ser menino e menina, o tipo de exigências que lhes são feitas e a maneira como lhes apresentam, as expectativas que envolvem o fato de pertencer a um sexo e não a



outro refletem as definições dualistas de gênero e aos que não se encaixam em um dos dois perfis são discriminados.

A Educação torna-se um instrumento de grande importância social se planejada para a equidade de gênero. Um processo socializador que busque eliminar barreiras socioculturais que discriminam, excluem e dominam grupos de minorias deve ser pensado. Somente através de uma reeducação para a equidade de gênero é capaz de modificar o quadro do preconceito, que acaba dando poder ao masculino nesta sociedade dual onde o poder é masculino.

## Bibliografia

**BROUGÈRE, G.** *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

**CARVALHO, A.** et al. Brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas. *Psicologia, Ciências e Profissão*, v.13, n.1-4, 1993, p.30-33.

**CARVALHO, M. P.** *No coração da sala de aula*. Gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

**KISHIMOTO, T. M.** *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

**LOURO, G.L.** *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

**ONO, A. T.** *Relatório de pesquisa: brinquedo e gênero*. (Iniciação Científica), São Paulo: FEUSP, 2006.

**SAGER, F.; SPERB, T. M.** O brincar e os brinquedos nos conflitos entre crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11 n. 2, p.309-326, Porto Alegre, 1998.

**SCOTT, Joan Wallach.** Gênero: uma categoria útil de análise histórica.

*Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, 1995.